PRÓLOGO



A criança tinha sido bem treinada não pela família, mas pela vida.

Quando a porta se partiu e ela correu para a mãe, não foi para procurar conforto, mas para o proporcionar. *Vem comigo*, queria implorar, mas como as palavras não saíam, puxou-lhe a manga. *Vem comigo. É melhor assim.*

Mas a mãe libertou-se e não olhou para a menina, que não teve escolha senão subir as escadas, sozinha. Havia um homem a dormir no quarto, um lobisomem cruel e malvado que a assustava tanto quanto as pessoas que estavam a invadir a casa. Ainda assim, ela sacudiu-o para o acordar e avisar.

— Estou a tentar descansar um pouco, porra! — gritou ele, empurrando-a para longe. A menina baixou-se antes que ele lhe pudesse acertar. — Se não te calares… — Ele parou, apercebendo-se de que algo não estava bem.

Ela olhou em volta à procura de um esconderijo e esgueirou-se para dentro do armário.

Durante algum tempo, foi só isso. Ela abraçou os joelhos e respirou o cheiro a mofo das roupas velhas. Quando os gritos começaram, pôs-se a contar. As pessoas da casa chamavam-lhe sempre estúpida, mas ela conseguia chegar aos mil, e os números na sua cabeça, empilhados uns atrás dos outros, cobriam os gritos de dor, os insultos rosnados, os sons de ossos a estalar. Manteve-se em silêncio, mesmo quando os ruídos se tornaram mais próximos e mais altos.

Duzentos e cinco. Duzentos e seis. Duzentos e…

Uma poça de sangue viscoso infiltrou-se por debaixo da porta, e a criança já não se conseguia controlar. O seu arquejo fez ricochete nas paredes do armário cheio de coisas antes de ela conseguir tapar a boca. Ela soube então que era como se estivesse morta.

Não. Não, não, *não*.

A tremer, mordeu o lábio e rezou ao velho deus da sua mãe. Na escuridão, não conseguia distinguir a cor do sangue. *Mantém-te calma*, disse a si própria, encolhendo-se numa pilha de cobertores antigos. Os apelos tinham parado um minuto antes, mas ainda havia movimento por toda a casa. Talvez fosse a mãe dela. Talvez estivesse a subir as escadas para a procurar…

A porta do armário abriu-se abruptamente. Uma figura escura olhava para a menina, com a sua silhueta alta emoldurada por um halo brilhante da luz do teto.

Era a Morte. Assim seria a Morte se fosse uma pessoa.

Tomada pelo terror, a rapariga abriu a boca e encheu os pulmões de ar, pronta a gritar. Mas o homem levou o dedo aos lábios, e a simples ordem congelou-a.

— Não sou grande fã de gritos — explicou, aproximando-se. Atrás dele, estava o cadáver do lobisomem que ela tinha tentado avisar, com um líquido verde-floresta a escorrer do corte no pescoço.

E ela seria a próxima.

— Não te martirizes. Não foi por teres feito barulho. — A voz da Morte era um retumbar baixo que cortava o silêncio. Ele parecia distraído, olhando de relance pela divisão, como se procurasse algo que lhe tivesse escapado. — Senti o teu cheiro assim que entrei. — Agachou-se à altura dela, pisando descuidadamente o sangue.

Os dentes da criança rangiam de puro medo. *Implora*, ordenou uma voz. *Implora-lhe.* Mas a boca dela não se abria.

— Estás aí em cima? — gritou alguém do primeiro andar, e a menina estremeceu. Tentou mostrar-se corajosa, mas as lágrimas começaram a correr-lhe pela cara. O homem reparou, e a expressão dele tornou-se desagradável, tal como a da mãe dela quando a menina se queixava da sua nova vida.

Fraca. Chorona. Egoísta.

Ele agarrou-a com um suspiro, e ela fechou os olhos. No tumulto das batidas do seu coração, ela desejava apenas que o fim fosse rápido. *Que seja rápido. Pode ser doloroso, desde que seja rápido.*

Mas, então, um polegar limpou-lhe suavemente as lágrimas do rosto, e os seus olhos abriram-se.

— Ei! — Outra voz soou das escadas, desta vez mais perto. — Precisas de alguma coisa?

Os olhos escuros do homem fixaram-se nos dela. Ele suspirou novamente.

— Chama o assistente social.

— Merda. Quantos são desta vez?

— Um. — O queixo do homem tremeu enquanto o seu dedo fazia uma última passagem.

— Não chores. Ou chora, se quiseres. Mas é melhor assim. Espero sinceramente que este seja o pior dia da tua vida. — Os lábios dele curvaram-se num pequeno sorriso. — Quando foi a última vez que comeste?

Ela pestanejou, surpreendida pela mudança de assunto. A verdade é que ela não se lembrava. Ontem? Há dois dias?

— Vamos lá. Vamos arranjar-te algo quente. — Ele estendeu-lhe os braços e, como a criança não conseguia evitar a poça verde pegajosa sozinha, ela deixou-se pegar, sem saber bem por que motivo permita que um assassino a carregasse para baixo. *Talvez ele também tenha ajudado a mãe*, pensou, sabendo que o homem era suficientemente forte para a tarefa.

Sim, de certeza que sim. Ela tinha a certeza de que eles iam ter com ela agora mesmo. Por isso, enterrou a cara no pescoço do estranho e deixou que o seu lento batimento cardíaco a acalmasse. E, na medida do possível, começou a contar até mil uma vez mais.

CAPÍTULO 1



Ela rasgou-o e refê-lo.
Demorou menos de um segundo.

ATUALIDADE

Se existia uma noite ideal para morrer, não seria esta.

Há *tanta coisa* errada com ela. Podia queixar-me da recente tempestade, da lua fraca do tamanho de um dente de alho, do telemóvel sem bateria na minha mesa de cabeceira. Mas o principal problema é que não estou a usar mais do que duas peças de roupa: cuecas e uma camisola interior. Ambas eram perfeitamente adequadas debaixo do meu edredão fofo. Infelizmente, deixei-o na cabana. Quando acordei à uma da manhã, apercebi-me de que alguém estava a arrombar a porta.

É outono. Num lugar que há cerca de um ano — quando eu ainda acreditava tolamente que era humana — teria chamado Oregon. Agora que os meus genes de lobisomem estão a apoderar-se de mim, coisas como cartografia e fronteiras tornaram-se comicamente triviais, mas o cerne da questão mantém-se: novembro no Noroeste é frio, e eu não estou vestida adequadamente.

Maldito timing, digo para mim própria, esgueirando-me por detrás do tronco nodoso de um abeto-de-douglas. Com o peito a tremer, olho para a minha mão em forma humana. Visualizo a mudança, desejando que as minhas unhas roídas até ao sabugo se transformem em garras.

Transforma-te num lobo, Serena. Transforma-te na porra de um lobo, ou juro por Deus que…

Nada. O meu corpo recusa-se a ser obrigado a obedecer. Olho para o céu, mas a tão publicitada atração da Lua oferece apenas o mais apático dos puxões. Com um gemido mudo, retomo a minha corrida pela floresta, com os pés descalços a escorregar na lama fresca. Uma dúzia de

pequenos cortes atravessam-me as plantas dos pés e as canelas. Quanto mais tempo corro, mais se desvanece a minha esperança de que o solo esconda o cheiro a ferro do meu sangue.

E já estou a correr há algum tempo.

O intruso está a seguir-me. Está a ganhar terreno. O vento transporta o seu cheiro, cada vez mais próximo, e não gosto do que me diz. Vampiro. Adulto no seu auge. Desejoso. A emoção da perseguição excita-o, e a sua excitação raspa o fundo do meu estômago. No entanto, por mais revoltante que isso seja, é o menor dos meus problemas. Porque se o consigo cheirar tão claramente, há uma grande hipótese de *ele* estar perto o suficiente para…

— Até que enfim. — As palavras sibilam como balas no meu ouvido. Um instante depois, as minhas costas são esmagadas contra um tronco. Não sei o que me dói mais… a casca a morder-me a pele, a mão que ele me enrola na garganta, ou o seu fedor nojento e maníaco.

A floresta está negra como breu. Não há escuridão através da qual os lobisomens não consigam ver, mas eu só tenho metade dos genes de lobo, o que significa que a minha visão noturna nem sempre funciona. Ainda assim, a sede de sangue do vampiro é inconfundível. Tal como a lâmina na sua mão.

— Não és muito rápida, pois não? — rosna ele.

Não me digas. Controlo um revirar de olhos e obrigo-me a gemer, impotente.

— Por favor — imploro. O cheiro dele explode, como se ter mulheres à sua mercê fosse o seu fetiche de eleição… que previsível! E eu dou-lhe mais. — Por favor, não me mates. Eu faço o que quiseres.

— O que eu quiser?

Ele está *tão* interessado. Solto um gemido e arregalo os olhos.

— Qualquer coisa.

Os seus olhos percorrem o meu corpo, como se quisessem avaliar em que é que eu lhe poderia ser útil — tráfico de órgãos, caldo de ossos, manutenção do quintal. Ao contrário de mim, ele *é* rápido. De forma sobrenatural. Com uma velocidade vertiginosa, a sua faca corta a frente do meu *top* de seda, aprofundando o decote.

Este *cabrão*.

Mas enquanto ele olha, o seu cheiro aumenta. O que significa que está suficientemente distraído com o que descobriu para que eu tenha a oportunidade de fazer bom uso das aulas de autodefesa que a minha irmã me obrigou a frequentar.

Joelhada na virilha.

Cabeçada no nariz.

E um pequeno extra: cotovelada no estômago. Porque não?

O vampiro grunhe. Murmura algumas variações de «puta de merda». Mas estou livre. Posso não ser capaz de o ultrapassar, mas *posso* agarrar num punhado de terra e atirá-lo aos seus olhos, o que causa danos suficientes para o abrandar. Olho freneticamente à minha volta e… *sim!* Vejo uma pedra afiada e recortada. Inclino-me para a agarrar com a palma da mão.

— Sua maldita *aberração da natureza*. — O vampiro está outra vez em cima de mim, torcendo-me o braço atrás das costas. Solto um grito, mas a pedra está na minha mão. Tragicamente, ele está a segurar o meu pulso no ângulo errado para eu poder atacar.

Em teoria, sei qual é o próximo passo — *aproximar-me, baixar o centro de gravidade, rodar o corpo, atacar com a mão livre* — e, caramba, eu tento. Infelizmente, o vampiro está um ou dois níveis acima da média dos lutadores, e nada disso funciona.

É então que o meu estômago começa a revirar-se a sério. Isto não vai acabar bem.

— Deixa-me ir! — cuspo.

— Cala a boca. — O azedo do cheiro dele pica-me o nariz. Está ainda mais irritado agora. E eu estou num buraco ainda maior. — Posso não ter permissão para te matar, mas posso fazer-te sofrer muito antes de…

— Ai podes? — Uma voz masculina interrompe-o. Vem na nossa direção, vinda de algum lugar no meio das árvores. Uma voz rica e lenta, ao mesmo tempo cruel e desinteressada. Não há resposta que possa perturbar esta voz. — Podes mesmo, comparsa?

A postura do vampiro enrijece. Antes que ele possa controlar a sua reação instintiva, eu sinto o cheiro de um medo absoluto, abjeto e acre.

Fecho os olhos. Forço os meus pulmões ardentes a inspirar lentamente. Deixo a minha perspetiva dos próximos dez minutos reajustar-se, moldar-se a uma forma que é… ainda infeliz, sim, mas um pouco menos.

O Koen.

O Koen está aqui.

Vai correr tudo bem.

O vampiro puxa-me para a sua frente, apontando-me a faca à garganta. Pergunto-me se quer usar-me como refém ou como um escudo de carne que mal chega ao topo do seu peito.

— O que estás a fazer aqui? — ladra ele.

É uma pergunta justa. O Koen vive a várias horas de distância e não aparece há quase dois meses, desde o dia em que me deixou na cabana, a meu pedido, com uma tonelada de mantimentos, um olhar demorado e um *Diverte-te a conversar com os abetos, matadora* num tom trocista que não condizia com a intensidade dos seus olhos.

— Acabaste de perguntar o que *eu* estou a fazer no *meu* território? Que raio estás *tu* a fazer, monte de merda? — Um par de passos longos e sem pressa, e o Koen emerge do matagal.

Ele tem algo de diferente. De todos os outros, sim, mas também desde a última vez que o vi. O cabelo preto está preso para trás, no cimo da cabeça, numa versão crescida e despenteada do seu último corte. Há semanas que não faz a barba e suspeito de que também esteja um pouco atrasado no sono. A sua presença, no entanto, tem o efeito habitual em mim: dá-me lastro e fixa-me ao chão quando estou à beira de ser levada.

Alfa.

O seu cheiro profundo é inconfundível. Sólido e apaziguador. O contraponto perfeito para o pânico do vampiro.

— Mato-a se te aproximares — rosna.

O Koen, claro, aproxima-se. Com o ar plácido de alguém que nunca duvidou da sua capacidade de submeter o mundo à sua vontade.

— Oh, não. Serena, ele diz que te vai matar. Estás bem com isso? — O seu tom é de pura curiosidade intelectual. Os olhos antracite brilham firmemente na noite.

— Bem, a verdade é que fiquei sem *noodles* instantâneos na semana passada — lamento. Não é a minha melhor ideia, já que o vampiro quase me desloca o úmero. Mas a contração divertida da boca do Koen *quase* compensa.

— Tu és o Koen Alexander, não és? O Alfa do Noroeste.

— Claro que sou. Como é que *tu* te chamas, comparsa?

— Isso não é importante. Se te aproximares mais…

O Koen estala a língua.

— Tens de me dizer o teu nome, ou terei de inventar um. Tens alguma ideia, Serena?

Aclaro a garganta.

— Gosto de Bob.

— Bob, o Vampiro. Adoro.

— Esse *não é* o meu no…

— É, se a senhora o diz, merdoso. Queres dizer-me o que estás a fazer no meu território antes que te arranque os tomates e tos enfie pela garganta abaixo?

O vampiro não responde, mas puxa-me o braço com tanta violência que a minha visão fica manchada e quase perco os sentidos. Quando consigo reconhecer novamente os sons, ele está a puxar-me para o seu corpo e a rosnar:

— Ela pode ser demasiado valiosa para matar, mas posso fazer muito estrago.

— Avança, então. — Pela primeira vez desde que apareceu, os olhos do Koen fixam-se nos meus. Não leio absolutamente nada neles. — Esta rapariga aguenta muito. Estou enganado, Serena?

De alguma forma, encontro forças para abanar a cabeça — uma mentira descarada. No entanto… pode ser uma alucinação olfativa induzida pela dor, mas acho que sinto o odor de quão agradado ele fica.

— Tens a certeza? — pergunta o vampiro. — Ela é meio *humana*, afinal de contas.

— E tu és meio idiota. Que coincidência incrível.

— Todos a querem, sabes. Desde a entrevista que ela deu, todos os vampiros do continente andam à procura dela.

— Sim. Tenho a certeza de que há muitas mesas de vivissecção com o nome dela.

— Mas sabes quanto é que eles vão pagar? — A voz do vampiro assume uma súbita inclinação persuasiva. — Sendo eu a levar o híbrido até eles, poderei dizer o meu preço.

— Claro. E de certeza que eles não se vão livrar de ti assim que a entregares.

O vampiro bufa.

— Eu sou mais esperto do que isso. Eu fui o primeiro a encontrá-la. Achas que sou o único atrás da recompensa dela? Outros vão seguir-me. Quando descobrirem que lhe estás a dar guarida, virão para cá. Tens a certeza de que queres passar o resto da tua vida a proteger uma meio-humana? Deixa-me tirá-la das tuas mãos. Olha para o outro lado.

— No que toca a ofertas, Bob, esta é preguiçosa como o caraças. — O Koen abre os braços. — O que é que *eu* ganho com isso? É suposto ofereceres algo em troca. Dividires a recompensa, lavares o meu carro…

— Dizem que ela é a tua companheira.

É como se a floresta ouvisse as palavras. Como se as *entendesse*. Por um breve segundo, todas as criaturas, todas as folhas, todas as gotas de água ficam paradas, como se aguardassem a reação do Koen.

— Ai dizem? — Ele avança, ainda descontraído. Como se estivesse num passeio noturno. A deambular por um museu. Livre de quaisquer preocupações.

— Sim. E sabes o que mais dizem?

— Aposto que me vais contar.

— Que ela te rejeitou.

— Au. — O Koen não parece estar a sofrer. — E o teu raciocínio incontestável é que me vou vingar dela, deixando-te levá-la.

— Não seria melhor? Acabar com ela de uma vez por todas?

O Koen levanta uma mão, fazendo o vampiro estremecer. No entanto, tudo o que faz é massajar as têmporas como um pai exausto faria, perguntando-se por que motivo o seu filho está a enfiar outro lápis de cera numa narina.

— Meu. Vou ter de te matar, e o Jorma vai obrigar-me a tratar de um monte de papelada por conta disso. — Ele suspira, e o traço de impaciência na sua voz faz gelar o meu sangue.

Mas não o do vampiro, atendendo ao que ele diz em seguida:

— E ela é bonita, não é?

Eu fico muito, muito quieta. E o Koen também.

— E, neste momento, ela não está em posição de *rejeitar* ninguém.

Sem resposta.

— Percebes o que quero dizer? *Alfa?*

Qualquer pretensão de casualidade desaparece do comportamento do Koen. Cada átomo do seu corpo está agora em alerta máximo, orientado em direção à presa. Em direção a *mim*.

— Como disse, ela é muito bonita. Não me importava de a passar para ti, depois de ter terminado com ela — oferece ele. Os olhos do Koen contraem-se em pontinhos de desagrado, e o seu cheiro exala uma aversão tão inequívoca que até o vampiro sabe que deve recuar. — Ou podias divertir-te com ela. Depois eu levava-a, sem fazer perguntas. Ela não teria ninguém a quem se queixar.

Uma coruja pia ao longe. Sustenho a respiração, à espera de que o Koen mande o vampiro à merda, mas o silêncio prolonga-se, os seus olhos tornam-se opacos e, algum tempo depois, ele…

O Koen *acena com a cabeça*.

O meu coração afunda.

Não. Ele não o faria. Nunca o faria.

— Koen? — digo. Metade pergunta, metade súplica.

— Em minha defesa, Serena… — O Koen levanta os ombros. — É sempre a mesma coisa contigo.

A minha pele fica gelada.

— Não. Não faças isso. Koen, *não*…

— Tomei a liberdade de começar — diz o vampiro. E antes que eu possa perguntar-me o que ele quer dizer, a sua mão livre desce a metade rasgada da minha camisola pelo meu ombro.

Os olhos do Koen demoram-se no meu peito quase nu, como se eu não fosse mais do que um pedaço de carne. Uma oferta para ser avaliada. Algo criado para ser usado por ele. Vejo as suas pupilas fazerem

uma dança estranha, sinto uma mudança no seu cheiro antes de ele murmurar:

— Vês, é *assim* que se faz um acordo. Eu sabia que eras capaz, Bob.

Mais uma vez, imploro ao meu corpo para mudar para a sua forma de lobo. Mais uma vez, sou ignorada. Com um grunhido furioso, começo a debater-me nas garras do vampiro, tentando desesperadamente libertar-me. Mas ele é mais forte do que eu, e o Koen é provavelmente mais forte do que nós os dois juntos. Posso derrubar um deles e continuo tramada.

Agarro a pedra na palma da mão, mas, com o braço dobrado, não consigo usá-la.

O terror percorre-me o corpo. Bate no meu peito.

— Ela é toda tua, Alfa. Faz o que quiseres com ela. — O vampiro solta uma gargalhada cansada e desprezível. Baixa a sua lâmina e empurra-me alguns centímetros para a frente sem soltar os meus pulsos. Ele fede como se soubesse que está tudo acabado para mim… que ele *ganhou*. — Talvez ela até goste.

O Koen considera o assunto enquanto se aproxima, o suficiente para que eu possa sentir o seu calor, e eu arreganho os dentes para ele enquanto me contorço nas garras do vampiro. Isto não pode ser a sério. *O Alfa protege*, diz uma voz calma de lobisomem que vive dentro dos meus ossos. *O Alfa é casa. O Koen não é assim*.

Exceto que não tenho tanta certeza.

O Koen para à minha frente, olhando-me como se eu estivesse à sua disposição, e sim. Ele é *exatamente* assim.

— Será? — pergunta-se, com a voz baixa e rica, os olhos a acariciarem-me o rosto e a demorarem-se no meu peito nu. Mais perto ainda, e a sua presença envolve-me como um cobertor quente. O cheiro dele floresce nas minhas narinas, seguro, enraizado, tão perfeito que, por um momento, esqueço-me do vampiro atrás de mim, das agulhas de pinheiro espetadas nos meus pés.

— Por favor — digo baixinho, mas acho que o Koen não me ouve. A mão dele aproxima-se do meu rosto. Envolve-me a bochecha; o polegar pressiona o meu lábio inferior.

— É verdade, Serena? Gostarias?

O pânico rebenta outra vez no meu peito. Abano violentamente a cabeça. Não. *Não.*

— Bem, então. — Os seus olhos suavizam-se, e ele solta um suspiro meio resignado, meio divertido. — É melhor fazeres uso dessa pedra na tua mão, matadora.

Demoro um pouco para entender o que ele quer dizer, e para me aperceber de que o vampiro já não está a apertar tanto o meu pulso. Rodar o meu braço e cravar a ponta da pedra no estômago dele exige tão pouco esforço que é quase anticlimático.

— Mas que… — O vampiro dobra-se. Estou prestes a bater nele outra vez, mas ele recupera e atira-me ao chão. Levanta a faca acima da cabeça, apontando-a para a minha garganta. — Sua *puta* de merda…

Ele para com um suspiro abrupto, como se estivesse sob o efeito de uma súbita revelação iluminadora. Olha para mim, olhos esbugalhados, boca aberta, e eu quase espero que ele… peça desculpa? Depois, tosse um pequeno fio de sangue cor de amora e perde o equilíbrio. Observo a sua descida, horrorizada, enquanto cai mesmo ao meu lado, com a cara sobre um pedaço de musgo.

Ele *não* volta a mexer-se.

Nem eu. Não sei o que isso diz sobre mim, mas sou incapaz de *não* olhar enquanto o sangue jorra das profundas feridas paralelas em forma de garra nas suas costas, o odor a ferro a misturar-se com o cheiro a terra.

Demoro muito tempo até conseguir olhar para o meu corpo — milagrosamente intacto, apesar de quase nu — e depois para o Koen — incrivelmente pouco impressionado. Qualquer outra pessoa me ajudaria a levantar, mas não o Alfa da alcateia do Noroeste. Em vez disso, ele abana lentamente a cabeça, limpando, na sua camisa de flanela, a mão que acabou de usar para matar um homem. Os traços violeta-escuros criam uma pintura estranhamente bonita sobre a tela preta e branca.

Demora algum tempo até ele se lembrar de que eu existo.

— Boa noite, Serena. — A intensidade de há momentos dissolveu-se, e ele parece indiferente. Talvez saiba que um único grama de simpatia me derrubaria. Talvez realmente não se importe, e nunca se tenha importado, com nada. — Como corre a tua noite?

— Bastante calma — digo, num tom rouco.

— A sério? Estás com péssimo aspeto.

— Estou. — O suor gelado desliza pela minha têmpora e entre os meus seios, que me apresso a cobrir o melhor que posso. — É assim que falas com a tua amada companheira?

Uma única sobrancelha levanta-se.

— Eu disse que eras minha companheira. Não que te amava.

Solto uma única gargalhada de indignação, mas pelo menos não estou a chorar. É bom manter a pouca dignidade que me resta quando o Koen me lança um olhar frio e avaliador e se agacha ao meu lado.

— Temos de ir — diz-me.

— Para onde?

— Para o Covil. — Ele levanta-me com os braços por baixo das costas e dos joelhos. O frio torna-se uma memória distante. — O retiro na floresta acabou, matadora.